



ARTIGOS



A fabricação mitológica do Brasil

FRANCISCO ADEGILDO FÉRRER*

A História do Brasil sempre é contada a partir do ponto de vista dos vencedores. Necessitamos de uma história contada pelos vencidos.

A formação do Brasil não é matéria de Geografia, de História, de Economia e das demais ciências apenas. Ao contrário, a formação do Brasil responde também, como matéria e como *conditio sine qua non* de fabricação deste país, a tarefa do imaginário. Para alcançar os seus objetivos, os fundadores tiveram sempre às suas mãos engenho e arte, com o que criaram seus mitos com base nas suas aventuras, forjando uma nação “grande e livre”.

O processo de fabricação mitológica do Brasil obedece, como boa narrativa, aos mais requintados padrões e formas literárias: texto teológico, literatura épica, poesia romântica, trovadoresca, humanista, modernista. Sem, necessariamente, obedecer à ordem de estilos literários.

A primeira tentativa de fabricar a terra chamada Brasil mitologicamente, após a documentação oficial e o registro de posse (relatada na Carta de Caminha), é a teológica. A grande disputa de então é acerca da bondade ou da maldade inerente(s) aos povos, aqui residentes (por acaso?) quando da faustosa ocupação de direito das terras. Eram os povos daqui dotados de alma? Sim ou não? Por detrás da resposta - não importando qual fosse - estava a certeza de que a explicação era teológica. Bons, os residentes das terras recém-ocupadas seriam certamente advindos de Deus tanto quanto os homens da Europa; se maus, tinham

* Professor – Doutor em Filosofia em Educação (USP). Sócio amigo e honorário do Instituto do Ceará. Membro da Academia de Letras do Município – ALMECE.

como origem o demônio, sendo, portanto, necessitados da catequização para realizar, ao menos, a salvação de suas almas.

Em qualquer das respostas, a explicação teológico-cristã dava conta da origem, do destino e da explicação da necessidade da catequização: eram maus - por isso a catequese; eram bons, mas sem deuses -por isso, a catequese.

Assim, pois, a primeira experiência de explicar o Brasil, nas mãos dos detentores do sagrado e de seus textos, fundamenta a necessidade de adoção de uma religião forte e monoteísta; uma religião que fosse capaz de desbestializar os selvagens, aqui residentes, e fazer das terras do Brasil, posse de Deus, geridas espiritualmente pela Igreja e, temporalmente, por aqueles que, “tementes a Deus e por Ele guiados”, descobriram essas terras maravilhosas e sua gente para o bem da Igreja. De forma que os descobridores seriam, também, por Deus escolhidos como os gerentes, com registro em cartório, das terras da Santa Cruz.

Havia que explicar o Brasil para e seus residentes, descobertos por acidente; mais que isso: explicar a existência do mundo a partir de um criador macho, único, onipotente, onipresente e onisciente para aqueles que, embora bons, não conheciam a verdadeira forma de agradar a Deus e sequer tinham conhecimento do Deus verdadeiro; era a obra de primeira necessidade entre os “explicadores-do-sagrado”.

Assim, pois, conhecer as línguas desses novos povos, bem como, as suas crenças e os seus costumes, era fundamental para dizer-lhes que todo esse tempo estavam “agindo errado”. No entanto, por obra da bondade de Deus, os “explicadores-do-sagrado”, aqui estavam justamente para corrigir esse problema.

Conhecendo a língua dos nativos, usaram métodos advindos de além-mar para se comunicarem com mais facilidade e eficácia: nada melhor como o teatro maravilhoso europeu; entendendo os nomes dos seus pseudodeuses, lhes garantiriam que esses a quem eles clamavam eram, na verdade, demônios maus e, felizmente, sem força diante do grande Deus que agora estavam a conhecer. Analisando a sua forma de organização política, lhes provariam que não era correta, posto que o rei de além-mar, nomeado por Deus e d’Ele representante, é que na verdade sabe governar como ninguém, na justiça vinda dos céus, em vista da construção da “Cidade de Deus”. Ao observar a divisão do trabalho, lhes garantiriam que por aquela forma não chegariam nunca a lugar

nenhum, de forma que deveriam aprender a trabalhar o máximo possível para a realeza que “sabia-mais-que-eles”, esperando o favorecimento de Deus, presente nas bugigangas que nunca veriam.

O problema foi que nem todos entenderam o projeto: alguns advindos (ou filhos de advindos com as mulheres de nativos) decidiram que não seriam os “detentores-do-sagrado”, os possuidores da terra, mas eles, pois trabalharam muito mais. E essa posse deveria ser contra os que aqui moravam antes dos colonizadores, pois que eram preguiçosos e não mereciam estas terras, posto que não sabiam trabalhar. Havia que, pois, provar a necessidade e a selvageria dos habitantes daqui e lhes tomar as terras à custa de guerras, pois as guerras tinham como objetivo algo grandioso: uma grande pátria.

Outro problema ainda maior: alguns residentes das novas terras, não tendo compreendido a proposta dos invasores, ou mesmo selvagens “pela própria natureza”, decidiram guerrear contra eles, contra o “projeto de Deus” e a proposta do rei. Foi preciso muita tinta para explicar as façanhas épicas dos grandes lutadores por parte dos colonizadores: muita selvageria tiveram que enfrentar os “filhos-bem-nascidos” destas terras que foi denominada de Brasil pelos colonizadores de além-mar.

Outros povos, vindos do Sul de além-mar, também chegaram aqui e, pela benevolência dos povos do Norte de além-mar que aqui residiam ou dos filhos destes, fizeram parte da fabricação mitológica do Brasil. Evidentemente, nunca tiveram condições intelectuais ou humanas de fazer deste deste um país algo pelo qual podessem se o ufanar. Faltava-lhes a condição intelectual por isso, lhes foi “bondosamente” reservado o lugar de escravos, posto que era uma posição muito melhor que trabalhador em países da Europa.

Houve quem se rebelasse contra a bondade dos “benfeitores” desta nação, desafiando a grandeza do Brasil e demonstrando o quanto o animal feroz vindo do Sul de além-mar tinha ainda de aprender a ser humano. A saída da nação foi usar as suas forças, para o bem do Brasil, contra os rebeldes, que fugiam para altas serras ou longínquas florestas, prometendo uma divisão do país. Derrotados, tiveram de pagar o preço de não se encaixarem no projeto civilizacional da nova nação.

Mais tarde, com uma já partejada característica nacional, percebeu-se a grandeza dos homens, aqui residentes desde os primórdios dos tempos. É verdade que a força dos povos vindos de “além-mar-

-Norte”, embora não se deixe de reconhecer a grandeza hercúlea dos indígenas das nações Tupi/Guarani. Tinham, claro, entre os residentes desta nação, alguns que eram preguiçosos e que nunca fariam deste um país faustoso. No entanto, a figura da terra, da selva, conhecedora dos rios, das plantas, das artes nativas; rica em conteúdos culturais nativos e sabedoria do seu lugar, de forma que não se metia onde não era chamada; essa figura era o herói nacional. Diante dela, não se pode deixar de reconhecer a nobreza do filósofo Robespierre, a sabedoria dos Césares, a indestrutibilidade de Hércules, a paixão de Orfeu... a grandeza dos Tupãs. Tibiriçá é um dos nomes mais gloriosos desta nova terra.

O Brasil é “gigante por sua própria natureza”. As suas maravilhosas matas explicam o futuro desta nação quase sem limites.

Entretanto, a nação tinha de descobrir com mais clareza a sua missão e precisava criar uma característica que fosse grande como a sua natureza e respondesse ao crescimento mundial: precisava ter um caráter puro brasileiro, de um povo nascido a partir das grandes navegações e da coragem dos povos do Atlântico Norte. Ainda selvagem, o Brasil precisava entrar na era da evolução positiva.

Os que vieram pelo Atlântico Sul e os nativos que aqui habitavam antes das ocupações pelos povos do além-mar, contribuíram para a formação de uma grande nação e de um povo valoroso, firme, dotado de valores republicanos, branco e mestiço, abertos ao conhecimento científico e para ele capacitado, dotado da riqueza cultural das belas artes, amante do amor racional e, principalmente cristão, base para uma nação com as características das nações europeias.

O caminho, pois, era investir no enriquecimento cultural do povo. Por isso, nada mais cruel do que se criar escolas somente para os filhos dos homens nobres desta nação, possuidores de grandes bocados de terras e, portanto, somente quem “poderiam fazer do Brasil um país rico”. Os filhos dos homens da fazenda, aparentemente, não abandonariam, em momento algum, “os incapacitados” e, se estes não se rebelassem contra o país, lhes dariam o “que-viver” cotidiano: *panem et circenses*.

Ia ficando evidente, pouco a pouco, que o Brasil somente não era, apenas uma grandeza mundial.

A solução era, com certeza, tomar as rédeas do desenvolvimento e dá-las a quem de direito, distribuindo os poderes entre os explicadores

do Brasil. Àqueles que teimavam em fazer do Brasil um país ainda sem crescimento deviam ser explicados os motivos do Brasil estar “em vias de dar certo”, quando “já teria dado certo” se fossem apenas considerados os elementos da cultura superior, como fundamento para a nação. Desta forma, ainda, fundamental era considerar prioridade as riquezas culturais de *Ia culture dès beaux-arts, dès sciences*, nascidas nas localidades nas quais a civilização foi mais benevolente com o homem: a Europa. Assim, não mais poderiam ser tolerados movimentos que levassem ao atraso do Brasil, sobretudo que tais movimentos entrassem em choque com a vocação civilizacional brasileira.

Houve quem tentasse introduzir as *beaux-arts*, impondo-as e fazendo a arte que queriam fosse nacional; importando Bach, Debussy, Monet, Eliot, Shakespeare, Voltaire... que, por pouco eram devorados. Achavam que, dessa forma, nascia o Brasil Moderno - ‘Tupi or not Tupi/ That is the question’.

Porém, outras explicações colocavam o Brasil como um “país do futuro”. Diziam que “O caminho é a indústria!” e, que as massas de humanos deveriam sair de casa, não mais para a roça ou para o boteco, mas para o emprego. Sem isso, o Brasil seria pobre para sempre! Havia que formar a massa para o trabalho técnico e explicar-lhe a importância do seu trabalho: o Brasil era como uma grande locomotiva, sendo todos os vagões muito importantes para a nação, e cada vagão era um trabalhador; assim, ninguém poderia querer abandonar o seu posto, de forma que, se assim fosse, o Brasil descarrilaria. Pensamento puramente neoliberalista.

Argumentavam que a grande locomotiva já existia; portanto, todos os vagões deveriam ficar em seus devidos lugares, posto que todos eles caminhariam, juntamente com a grande locomotiva, fazendo do Brasil uma grande nação do século XX.

Porém, houve quem quisesse fazer diferente, explicando que tudo isso não passava de uma exploração do trabalho humano. Este mito, implantado por um judeu, baseado na teoria da mais-valia é a exploração do operário, o qual nunca conquistará o que construiu. Os liberalistas argumentam que, tudo o que se constrói é para todos e “todos participam de tudo”.

Como costuma acontecer, um grupo se levantou e fez dele um grande canteiro de obras por décadas. Reclamava-se da fome; mas esta

era comparada à impaciência de crianças que estão prestes para comer o bolo de aniversário antes mesmo que esteja ele assado. A solução era deixar o bolo crescer...

“As fabricações do Brasil”, bem como de sua história, obedecem às normas cultas da linguagem e às lógicas do desenvolvimento civilizacional do mundo. John Locke, filósofo empirista inglês, já dizia que “quem ocupa um terreno e nele trabalha deveria ter direito à posse do mesmo”; mas, cai em contradição quando afirma que os que inteligentemente lidera os trabalhadores do terreno deve possuir o terreno e mais ainda os corpos dos produtores do terreno, tudo isto em nome de uma Lei supostamente do Mercado (que teria uma mão invisível).

No entanto, “as fabricações do Brasil” fizeram deste um país no qual milhões trabalham para alguns poucos lucrarem. O alimento de milhões de trabalhadores não pode ser oferecido aos animais de estimação de alguns poucos, sob risco de os animais se recusarem à tamanha baixeza.

Donde se conclui que não é possível fabricar de ficção. O antropólogo americano, Clifford Geertz, diz que não se pode criar um país sem um imaginário. Move-se um povo, a partir de um imaginário. E, “precisamos de um novo imaginário”, já dizia Cornelius, filósofo grego (1922-1997), autor de *A instituição imaginária da sociedade*.. Um imaginário que faça dos povos que habitam a região geográfica, que hoje denominamos Brasil, uma grande potências, a partir de suas riquezas culturais: religião, mitos, ritos, jogos, práticas educacionais etc.

Não precisamos de explicadores do Brasil, a partir dos vencedores. Necessitamos de histórias contadas pelos vencidos, leitores, o que não é feito, em bancos escolares; mas, sim dos escribas vencidos, de críticos, que forjam uma nova história, um novo imaginário. A partir de uma nova realidade. Não queremos apenas evoluir, como dizia Edward Tylor, antropólogo britânico (1832-1917), mas vitalizar o humano - ou “re-vitalizar”. Como dizia Caetano Veloso, “não nos basta Pátria, ousamos querer Mátria e, mais ainda, Frátria”.